

AS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM¹

Leodegário A. de Azevedo Filho (UERJ e UFRJ)

RESUMO

As Ciências da Linguagem são numerosas e não serão todas estudadas nem referidas nesta aula-conferência. A Lingüística (geral ou particular, teórica ou aplicada, descritiva etc.) é a que se denomina Ciência da Linguagem, preocupada com o estudo das línguas. Além dela, trataremos particularmente da Estilística, da Filologia, da Fonologia, da Morfologia, da Diacronia e da Sincronia lingüísticas.

Palavras-chave: Ciências da Linguagem, Lingüística, Filologia, Estilística

INTRODUÇÃO

O termo linguagem, aqui empregado, se refere exclusivamente à linguagem humana. De fato, somente os homens fizeram da linguagem um sistema ou código de intercomunicação inteligente, capaz de transmitir-se de geração a geração.

Costuma-se dar à Ciência da Linguagem a denominação restritiva de Lingüística. Não é assim. A Lingüística é, sem dúvida, um capítulo da Ciência da Linguagem, que tem como escopo o estudo das línguas. Lingüística é a ciência das línguas. É a estática da língua. O segundo capítulo da Ciência da Linguagem é a Estilística, cujo esboço é o estudo dos estilos. A Estilística é a dinâmica da língua. E outras ciências, como vamos ver, vão integrar o quadro geral das Ciências da Linguagem.

Um dos progressos da ciência moderna consiste exatamente em procurar reunir ou aproximar o estudo das línguas do estudo das literaturas. É necessário, de fato, que se reúnam esses estudos. As línguas possuem elementos comuns, de ordem geral, a que todos se têm de ater. As línguas são fatos coletivos, sociais. Estudando-se, por exemplo, um texto de Machado de Assis, ser-nos-á possível exami-

¹ Texto resultante da aula-conferência proferida na VI Semana Nacional de Língua Portuguesa: Seminário das Ciências da Linguagem, em homenagem ao centenário de Paulo Rónai, realizada no Instituto de Letras da UERJ, de 2 a 6 de julho de 2007, sob a coordenação de José Pereira da Silva.

nar todos os elementos comuns da língua, como o vocabulário, o emprego das flexões nominais e verbais, a formação sintática das orações, etc. Mas, se colocarmos ao lado do texto de Machado de Assis um de Alencar, verificaremos o seguinte fato: a língua, como sistema coletivo, é exatamente a mesma. Os verbos se conjugam do mesmo modo e do mesmo modo se formam o feminino e o plural de substantivos e adjetivos. No entanto, será evidente a diferença entre os dois textos, um de escritor realista e outro de escritor romântico. Pois bem, esta contribuição individual que o autor dá ao uso da língua é o que vem a ser o estilo. Daí se conclui que um texto qualquer pode ser estudado de duas maneiras:

1 - Aspecto social, coletivo, lingüístico propriamente dito;

2 - Aspecto individual ou estilístico propriamente dito.

A Lingüística e a Estilística somente se estudam separadamente por necessidade didática e metodológica. Certos fatos são primeiramente estilísticos, passando depois ao domínio lingüístico. Não se pode impedir que um escritor de gênio concorra para o enriquecimento da sua própria língua.

Quando falamos, usamos a língua de um grupo, o que constitui uma herança social. Isso não impede, porém, que haja contribuição individual. Elas existem e, com elas, não raro, chega-se até a exageros ou mesmo a alucinações lingüísticas.

A Lingüística externa parte do princípio de que as línguas são sistemas de sinais. A Linguagem é um código. Este sistema possui relações internas. Podemos estudar as relações internas, e com isto o nosso objetivo será propriamente lingüístico. Podemos, também, estudar as relações externas dos sistemas, e com isso o nosso propósito será de estudo histórico-cultural. Exemplo de estudo de lingüística externa: formação das línguas românicas. A Lingüística externa está ligada à História da Civilização.

Para o estudo da Lingüística Interna, podemos adotar dois pontos de vista.

1°) Ponto de vista sincrônico, como se fosse um instantâneo da língua numa época;

2º) Ponto de vista diacrônico: estudo da evolução dos fatos lingüísticos através das épocas. No primeiro caso, usaremos o método transversal e, no segundo, o método longitudinal. Os termos transversal e longitudinal vêm da lingüística moderna, com Saussure.

A Lingüística Sincrônica é descritiva. A Diacrônica é evolutiva, histórica. A Lingüística Diacrônica estuda a evolução dos fatos lingüísticos. Exemplo: colocação dos pronomes átonos na língua portuguesa do Brasil, desde Anchieta aos nossos dias. O estudo sincrônico é a própria gramática. Exemplo: A gramática da língua portuguesa no século XX e início do século XXI. A gramática pode ser descritiva e normativa. E a diacronia é uma sucessão de sincronias.

Deve-se a Saussure a distinção que hoje se faz entre lingüística interna e lingüística externa. Quando o fato é encarado diacronicamente, tem-se a filologia propriamente dita. Quando o é sincronicamente, tem-se a gramática. A filologia investiga os textos históricos, está ligada a uma fase cultural. A Filologia Românica tem sentido nitidamente diacrônico. Estuda a evolução do latim em sua passagem para as línguas românicas. Saussure não acha feliz a denominação de gramática histórica.

Convém assinalar, no entanto, que os dois aspectos, isto é, o sincrônico e o diacrônico se interpenetram. A divisão é apenas de ordem didática e metodológica. A língua tem de ser encarada em seu conjunto, como um sistema vivo. No caso, estudamos separadamente os dois aspectos acima mencionados. Mas há até quem fale num ponto de vista pancrônico, envolvendo o diacrônico e o sincrônico.

Cada fato da língua é, ao mesmo tempo, estável e instável. A lingüística que mais se desenvolveu no século XIX foi a interna diacrônica, como base da filologia. Em nosso século, têm-se desenvolvido bastante os estudos sincrônicos, também ditos gramaticais.

A lingüística interna sincrônica compreende o estudo da fonologia, da morfologia, da sintaxe e da semântica.

A morfologia estuda as formas, ou melhor, os morfemas e sua constituição. Aqui se enquadra o estudo dos prefixos, infixos, sufixos, radicais, raízes. A morfologia tem ainda um âmbito maior e nela se incluem até formas sintáticas. A Morfologia é o estudo das formas,

em seu sentido mais amplo, incluindo-se aí o estudo das desinências. Ou seja: o estudo dos morfemas de uma língua, em sua totalidade.

A Lingüística Geral pretende chegar, pela indução, a conclusões válidas para qualquer época. Conclusões de ordem geral que indiquem possibilidades.

A única lei histórica real é a do imprevisto. A Lingüística Histórica procura, através da indução, chegar a generalizações. A Lingüística Geral Filosófica entra em contacto com a Estilística, fechando o circuito. Os dois pontos extremos se tocam: estilística e filosofia da linguagem.

Vimos que a Lingüística Histórica, em seu aspecto sincrônico, é a própria gramática, que se divide em fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. A Fonologia é o estudo dos sons da fala em seu aspecto sincrônico. É a fonologia descritiva. A palavra fonologia tem sido empregada pelos lingüistas de diferentes maneiras. Para alguns, fonologia e fonética, equivocadamente, são palavras sinônimas. Para outros, a distinção entre as duas é indiscutível. Vejamos a distinção proposta pela Escola de Praga.

A fonologia opõe-se à fonética. São dois tipos de ciência. A fonética não é, propriamente, ciência lingüística. É uma ciência auxiliar, natural, enquanto fonologia é ciência lingüística, rigorosamente. Ambas, porém, se ocupam dos sons da linguagem, têm assim o mesmo objeto de estudo, mas a perspectiva em que examinam esse objeto é diferente. A fonética é uma espécie de física da linguagem. O som pode ser produzido por instrumento de corda, de sopro ou de percussão. A origem pode ser variada, mas o som oral é um som igual a outro qualquer que tenha sido produzido por instrumentos próprios, de corda, sopro ou percussão. A fonética estuda os caracteres físicos do som, sua produção. É a fisiologia da linguagem. Assim, quando estudamos quais os órgãos de que se compõe o aparelho fonador, enumerando os pulmões, traquéia, laringe, fossas nasais e boca, fazemos um estudo fonético. É ainda fonético, por exemplo, o estudo da posição dos lábios durante a produção de um fonema. Um gabinete de fonética experimental é um verdadeiro gabinete de física.

O progresso da ciência eletroacústica trouxe grande desenvolvimento aos estudos fonéticos. Já se verifica, atualmente, que o

traçado do som de uma letra é diferente para o homem e para a mulher, diferente entre uma criança e um adulto e, mesmo, entre a própria pessoa em ocasiões diversas. A fonética experimental cada vez mais se aprofunda e amplia em seus estudos.

Enquanto o som oral é objeto de estudo da fonética, o fonema é objeto de estudo da fonologia. A fonética estuda o som oral materialmente. A fonologia estuda o fonema funcionalmente. Há até quem pretenda substituir o termo fonologia pela locução fonética funcional, mas de forma inaceitável. Isto significa que à fonologia só interessam os caracteres sonoros quando esses funcionam numa língua com valor distintivo, opositivo, funcional. Nos Estados Unidos da América, usa-se o termo *Phonemics*, que foi traduzido para o português pelo Prof. J. Mattoso Câmara Jr. com a palavra *Fonêmica*. Mas, a nosso ver, Fonêmica é estrangeirismo. Há quem prefira ainda a designação de Fonemática, mais coerente com a sua origem grega. Como temos Matemática, deveríamos ter Fonemática. Particularmente, adoto a denominação de: *fonologia*. E a principal diferença existente entre fonologia e fonética é precisamente esta: a fonética estuda os sons sem cogitar do valor específico que eles possam ter nas línguas. Ao contrário, a fonologia estuda o valor específico dos sons nas línguas, pois o fonema é um feixe de traços fônicos distintos.

PRINCÍPIOS QUE REGULAM A FONOLOGIA

Como se sabe, a fonologia evoluiu muito com a lingüística moderna.

Nem todos os elementos sonoros do som natural funcionam com valor distintivo. Por exemplo, a questão da duração ou quantidade. Em latim, funcionava com valor distintivo. As sílabas ou eram longas ou breves. Um artista, no palco, que não pronunciasse corretamente as sílabas breves e longas provocaria riso na platéia. Seria a mesma coisa que, em nossos dias, dizer-se *relampago* em vez de *relâmpago*, vocábulo proparoxítono. Em português, as vogais também são longas e breves. Todo som tem maior ou menor duração. Nós não sentimos isto, porque as nossas vogais átonas são breves e as nossas vogais tônicas são longas. Concluímos, observando que o e-

lemento duração ou quantidade tinha valor distintivo no latim, não tendo em português. Ou seja; em português podem ter valor estilístico, mas não lingüístico propriamente dito.

Outra característica física do som é a altura. Quanto às vogais, podem elas ser: graves e agudas. Nossa língua não apresenta valor distintivo em relação à *altura*. Há línguas, porém, que o dão, ou deram, como o grego clássico e o chinês. Em português, a altura das vogais existe foneticamente, mas não fonologicamente. Para a fonologia não é o fonema em si que tem valor, mas em relação com os demais fonemas dentro do vocábulo; é o sistema que, no caso, importa. E sistema fonológico é o conjunto de fonemas que se opõem. Cada um dos elementos fônicos é um traço sonoro. A fonética descreve exaustivamente os traços sonoros, sem exceção. Mas a fonologia seleciona entre os traços sonoros aqueles que têm valor distintivo. Daí a classificação, em português, de traços fônicos pertinentes: intensidade e timbre; e de traços fônicos não pertinentes: altura e duração. Estudos fonéticos podem ser feitos com animais, mas não estudos de fonologia. A fonologia estuda apenas a linguagem oral dos seres humanos.

Os traços fônicos *pertinentes* formam os fonemas. Os fonemas podem ser pronunciados de maneira diferente. As diferentes maneiras de pronunciar um fonema são as variantes, podendo ser individuais e alofônicas, como veremos. A variante individual é uma forma própria de pronunciar-se, não constituindo vício de linguagem. Exemplo: a pronúncia do *erre* em certas pessoas. Ou a ditongação da vogal tônica nasal na pronúncia paulista, por exemplo.

A articulação, de fato, pode ser dorso-velar a dorso-palatal. Há fonemas cujas modalidades fonéticas variam de acordo com os sons vizinhos: é a variante combinatória ou alofone. Exemplo: o /l/ inicial de sílaba e o /l/ depois de vogal. No primeiro caso, é alveolar e, no segundo, linguodental ou velar. São exemplo de variante combinatória ou alofone, não havendo dois fonemas do ponto de vista fonológico. Veja-se isso com o *-l-* de *lata* e de *carnaval*.

Outras vezes há oposição distintiva. Em português distinguimos *ç* e *ç* (sêde e sêde). Há dois fonemas para a fonologia. No entanto, convém assinalar que oposição distintiva vocálica existe apenas em posição tônica. Em posição átona final não há oposição distintiva,

como em *prado e leve*, mas apenas neutralização vocálica. A distinção entre ê (fechado) e é (aberto) se neutraliza em outras posições. O que existe em posição tônica deixa de haver em posição átona final. Daí a noção de *arquifonema*, que é o fonema que subsiste em posição átona final. É o fonema reduzido, que aparece em posição átona final.

A classificação dos fonemas em português será estudada, aqui, pelo professor Ricardo Stavola Cavaliere.

A morfologia estuda os morfemas, assunto a ser desenvolvido pelo professor Horácio F. Rolim de Freitas.

A sintaxe, por seu turno, será estudada pelo professor José Mário Botelho. E a semântica pelo professor Walmírio Macedo. Em outra oportunidade, estudaremos ainda as disciplinas de crítica textual, crítica genética, filosofia da linguagem, psicologia da linguagem, as principais correntes da lingüística moderna, em particular no que se refere à geografia lingüística e a sociolingüística, além de: lingüística textual, análise do discurso, semiótica, pragmática e dialetologia.